

Estresse de minoria de gênero e seus efeitos na saúde mental como fator de risco para depressão em pessoas transgênero: Revisão da literatura

Minority gender stress and its effects on mental health as a risk factor for depression in transgender persons: Literature review

El estrés de género de las minorías y sus efectos en la salud mental como factor de riesgo de depresión en personas transgénero: Revisión de la literatura

Recebido: 09/03/2021 | Revisado: 16/03/2021 | Aceito: 17/03/2021 | Publicado: 24/03/2021

Roni Robson da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6010-6438>
Universidade Veiga de Almeida, Brasil
E-mail: rr.roni1@gmail.com

Leandro Andrade da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3213-5527>
Universidade Veiga de Almeida, Brasil
E-mail: proflandrade@gmail.com

Marcus Vinicius Lessa de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3023-4778>
Universidade Veiga de Almeida, Brasil
E-mail: contato.marcuslessa@gmail.com

Maria Virginia Godoy da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3980-042X>
Universidade Veiga de Almeida, Brasil
E-mail: godoydasilva@terra.com.br

Milena Preissler das Neves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3890-924X>
Universidade Veiga de Almeida, Brasil
E-mail: milenapreissler@gmail.com

Divane de Vargas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3140-8394>
Universidade de São Paulo, Brasil
E-mail: profdivanevargas@uol.com.br

Rodrigo Leite Hipólito

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2439-7626>
Universidade Federal Fluminense, Brasil
E-mail: professorrlh@uol.com.br

Daniele Augusto Correa Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9141-713X>
Universidade de Guarulhos, Brasil
E-mail: psicodanielecorreadesouza@gmail.com

Vania de Cassia de Araujo Dutra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9377-7342>
Universidade de Vassouras, Brasil
E-mail: vvanisdutra@gmail.com

Elson Santos de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9377-0140>
Universidade Veiga de Almeida, Brasil
E-mail: elsonbaleiro@hotmail.com

Carolina da Costa Lipari

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2411-2659>
Universidade Veiga de Almeida, Brasil
E-mail: carol_lipri@outlook.com

Wender Garcia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0711-4081>
Universidade Veiga de Almeida, Brasil
E-mail: wendergrs17@gmail.com

Tassia Cortes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3115-5385>
Universidade Veiga de Almeida, Brasil
E-mail: tassiacortes@hotmail.com

Carolini Moreira Mattos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3139-9419>

Universidade Veiga de Almeida, Brasil

E-mail: carolinimattos@gmail.com

Resumo

Pessoas transgênero experimentam disparidades na saúde mental quando comparadas população em geral, estudos apontam que esse comportamento possa impactar no bem-estar dessa população. No entanto, pouco se sabe sobre como o estigma social é vivenciado ao longo da vida. Objetivo: Evidenciar os efeitos do estresse de minoria na vida da população transgênero. Método: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que seguiu a estratégia PICO para identificar os fatores associados ao estresse de minoria de gênero. A busca dos artigos foi realizada em três bases de dados eletrônicas: Medline, Lilacs e Scielo. Foram utilizados os descritores “Minorias Sexuais e de Gênero”, “Pessoas Transgênero”, “Estigma Social”, “Saúde Mental”, com textos completos, publicados no período de 2011 a 2021, no idioma inglês, português e espanhol e foi usado o operador booleano *AND*. Resultado: Foram encontrados 157 artigos. Trinta e cinco artigos foram selecionados para serem lidos na íntegra e 15 atenderam aos critérios desta revisão. Conclusão: As evidências mostram que a população transgênero apresenta maior risco para transtornos mentais, entre eles a ansiedade, quando comparada aos heterossexuais. O aparecimento dos sinais e sintomas de ansiedade estão relacionados com a vergonha e o comportamento evitativo dessa população devido à forte discriminação e à ausência de apoio social e familiar, o que ocasiona altos níveis de angústia.

Palavras-chave: Minorias sexuais e de gênero; Pessoas transgênero; Saúde mental; Estigma social.

Abstract

Transgender people experience disparities in mental health when compared to the general population, studies claim that this behavior may impact the well-being of this population. However, little is known about how multilevel stigma is experienced throughout life and that it can be especially vulnerable to its cumulative effects. Objective: To highlight the effects of minority stress on the life of the transgender population. Method: This is an integrative literature review that followed the PICO strategy to identify factors associated with gender minority stress. The search for the articles was carried out in three electronic databases: Medline, Lilacs and Scielo. The descriptors "Sexual and Gender Minorities", "Transgender People", "Social Stigma", "Mental Health" were used, with complete texts, published in the period from 2011 to 2021, in English, Portuguese and Spanish. Boolean *AND* operator. Result: 157 articles were found. Thirty-five articles were selected to be read in full and 15 met the criteria of this review. Evidence shows that the transgender population is at higher risk for mental disorders, including anxiety, when compared to heterosexuals. The appearance of signs and symptoms of anxiety are related to the shame and avoidance of this population due to strong discrimination and the lack of social and family support, which causes high levels of distress.

Keywords: Sexual and gender minorities; Transgender persons; Mental health; Social stigma.

Resumen

Las personas transgénero experimentan disparidades en la salud mental en comparación con la población general, los estudios afirman que este comportamiento puede afectar el bienestar de esta población. Sin embargo, se sabe poco sobre cómo se experimenta el estigma multinivel a lo largo de la vida y que puede ser especialmente vulnerable a sus efectos acumulativos. Objetivo: destacar los efectos del estrés minoritario en la vida de la población transgénero. Método: Esta es una revisión integradora de la literatura que siguió la estrategia PICO para identificar los factores asociados con el estrés de las minorías de género. La búsqueda de los artículos se realizó en tres bases de datos electrónicas: Medline, Lilacs y Scielo. Se utilizaron los descriptores "Minorías Sexuales y de Género", "Personas Trans", "Estigma Social", "Salud Mental", con textos completos, publicados en el período de 2011 a 2021, en inglés, portugués y español Operador booleano *AND*. Resultado: Se encontraron 157 artículos. Se seleccionaron 35 artículos para ser leídos en su totalidad y 15 cumplieron con los criterios de esta revisión. La evidencia muestra que la población transgénero tiene un mayor riesgo de trastornos mentales, incluida la ansiedad, en comparación con los heterossexuales. La aparición de signos y síntomas de ansiedad están relacionados con la vergüenza y evitación de esta población debido a la fuerte discriminación y la falta de apoyo social y familiar, lo que provoca altos niveles de angustia.

Palabras clave: Minorías sexuales y de género; Personas transgénero; Salud mental; Estigma social.

1. Introdução

Pessoa *trans* ou *transgênero* é o termo utilizado para dirigir-se a uma pessoa cuja identidade ou expressão de gênero difere de seu sexo designado no nascimento (Adelson, Walker-Cornetta & Kalish, 2019). Pode ser um homem que se enxerga como mulher, uma mulher que se entende como homem ou ainda alguém que acredita não se encaixar perfeitamente em nenhuma destas possibilidades (Goldhammer, Krinsky & Keuroghlian, 2019). Há uma terminologia variada usada para descrever pessoas de minorias de gênero em diferentes contextos (Silva et al., 2020) e configurações geográficas e culturais; a linguagem e os

termos também evoluem e mudam continuamente para descrever definições e identidades trans ao longo do tempo (Peng, Zhu & Gillespie, 2019). O termo *mulher trans* para se referir a indivíduos atribuídos ao sexo masculino no nascimento que se identificam como mulheres e, *homens trans*, para mulheres que se identificam como homens (Scheim et al., 2019). E *não binários* para nos referirmos a transgêneros ou pessoas não conformes de gênero que podem não se identificar com um sistema binário masculino / feminino de categorização de gênero por exemplo, *queer*, *intersexo*, *assexual* (Jones, Hayter & Jomeen, 2017).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) oficializou em 2018 durante a 72ª assembleia mundial da saúde, em Genebra, a retirada da classificação da transexualidade como transtorno mental da 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID). Pela nova edição da CID 11, a transexualidade sai, da categoria de transtornos mentais para integrar o de “condições relacionadas à saúde sexual” e é classificada como “incongruência de gênero” (OMS, 2018). A incongruência de gênero é caracterizada pela incompatibilidade marcada e persistente entre o gênero vivido por uma pessoa e o gênero atribuído a ela (Thomas et al., 2018).

Em 2013, o "Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais" -5 (DSM-5) foi revisado e o transtorno de identidade de gênero (TIG) foi alterado para disforia de gênero (Nascimento et al., 2014). Os critérios diagnósticos refletem o sofrimento psicológico causado por gênero e desarmonia de gênero sexual (McCann, Lee & Brown, 2016). A disforia de gênero é caracterizada por sofrimento ou dano significativo em áreas sociais, profissionais ou outras áreas funcionais importantes (Downing & Przedworski, 2018) e está relacionada ao gênero atribuído no nascimento e / ou identidade de gênero ou expressão relacionada a papéis de gênero que geralmente estão relacionados a esse gênero (Fredriksen-Goldsen et al., 2014). A afirmação de gênero se refere ao processo social de ser reconhecido ou afirmado na identidade, expressão e / ou papel de gênero de alguém (Hoy-Ellis & Fredriksen-Goldsen, 2017). Embora a afirmação de gênero possa ser teorizada como um processo inerentemente social, deve necessariamente ser conceituada como multidimensional (Gamarel et al., 2014) com pelo menos 4 construtos centrais: social (escolha de nome e pronome, reconhecimento interpessoal e institucional), psicológico (sentido interno de autorrealização, validação de identidade de gênero, transfobia internalizada), médica (bloqueadores puberais, hormônios, cirurgia, outras modificações corporais) e legal (mudança de nome legal, mudança legal de designação de marcador de gênero) (Chakrapani et al., 2017). Alguns indivíduos trans buscam a afirmação de gênero social, mas não médica, (Mark et al., 2019) alguns buscam a afirmação de gênero médica, mas não legal, e assim por diante (Neves et al., 2020). Além disso, a afirmação de gênero não exige seguir linearmente uma série discreta de eventos de “transição” é conceituada como um processo contínuo ao longo da vida (Silva et al., 2019), nesse sentido a transfobia tem consequências para muitos aspectos da vida das pessoas trans, incluindo sua saúde e bem-estar (Reisner, Radix & Deutsch, 2016). Baseamo-nos na teoria do estresse das minorias para ajudar a explicar as ligações potenciais entre não conformidade de gênero, discriminação e comportamentos prejudiciais à saúde (McCave et al., 2019). Em particular, as minorias sexuais enfrentam exposição desproporcional a estressores únicos e específicos do grupo (Scandurra et al., 2018) ou seja, preconceito e discriminação, que contribuem para as disparidades de orientação sexual na saúde (Lyons et al., 2019). Indivíduos que enfrentam discriminação são mais propensos a se envolver em comportamentos prejudiciais à saúde (Glick et al., 2019) (por exemplo, automutilação, uso de drogas e tabagismo), especialmente porque têm menos recursos e menos energia para enfrentar e fazer escolhas comportamentais saudáveis (Fabbre & Gaveras, 2020).

Também há evidências de que pessoas trans têm pior saúde do que suas contrapartes cisgênero (isto é, não-transgêneros) (Anderssen, et al., 2020). Apesar da possibilidade de que a não-conformidade de gênero pode exacerbar a transfobia, nenhum desses estudos examinou o papel que a não-conformidade de gênero desempenha nos processos de estresse de minorias para pessoas trans (Barbosa et al., 2020). Há atualmente um consenso na comunidade médica e psicológica que as formas de sofrimento associadas à homossexualidade e à bissexualidade, como uso problemático de álcool e outras drogas (Hoy-Ellis et al., 2017). A escassez de estudos em âmbito nacional que trata dessa temática torna o trabalho relevante para a ciência, uma vez

que visa identificar maiores índices de suicídio e práticas sexuais de risco, efeitos do preconceito, das discriminações e violências sofridas ao longo da vida (Jones, Hayter & Jomeen, 2017). Esses elementos indicam que as formas para redução de sofrimento estão associadas a ações de suporte psicológico e social, além da proteção às pessoas vítimas de preconceito, discriminação e violência (Hoy-Ellis & Fredriksen-Goldsen, 2017). Ainda, e tão importante quanto, são as ações de formação de profissionais da saúde e de educadores para criar ambientes seguros (Mark et al., 2019). Pessoas trans são estigmatizadas nas sociedades ocidentais que são caracterizadas por um sistema de gênero binário (Silva, 2020). Essas sociedades não oferecem um espaço social ou reconhecimento social para indivíduos que se identificam com um sexo diferente daquele que lhes foi atribuído no nascimento (Silva, 2019). Por causa disso, as pessoas trans que decidem se submeter à transição de gênero muitas vezes enfrentam grandes riscos sociais, econômicos e legais, incluindo discriminação nas arenas institucionais e interacionais (Portz & Burns, 2020).

Segundo levantamento da Organização Mundial da Saúde (OMS), o número de mortes por suicídio e tentativas de suicídio no mundo aumenta a cada ano e é considerado um problema de saúde pública (OMS, 2016). Os desafios da prevenção incluem a identificação de pessoas em risco, a compreensão das circunstâncias envolvidas e intervenções eficazes (Kaplan et al., 2015). A prevalência de depressão também está aumentando em todo o mundo, destacando-se o Brasil (5,8%) com índice superior ao mundial (4,4%), o maior da América Latina (Goldhammer, Krinsky & Keuroghlian, 2019). Estudos mostram que estressores de minoria de gênero são fatores de riscos para depressão, comportamentos suicidas recorrentes ou ameaças, comportamentos autodestrutivos, como a automutilação, devido à interação de fatores sociais, psicológicos e biológicos (Veltman & Chaimowitz, 2014). Os sintomas incluem instabilidade emocional, sensação de inutilidade, insegurança, impulsividade e relações sociais prejudicadas (Goldhammer, Krinsky & Keuroghlian, 2019). O Objetivo desse estudo foi buscar na literatura científica mundial o que vem sendo produzido bem como o estado da arte sobre essa temática ilustrando como os ambientes sociais contribuem para o estado de saúde relativamente ruim de pessoas transgênero em aspecto físico e emocional.

2. Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Método que se caracteriza por reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um tema, de maneira sistemática e ordenada, (Veale et al., 2017). A pergunta de pesquisa foi definida a partir da estratégia PICO, que prevê a definição do participante (P), intervenção (I), comparação (C) e desfecho/ outcomes (O). Pretende-se responder à questão norteadora: Quais fatores identificados na literatura (O), estão associados ao estresse de minoria de gênero (I) em pessoas transgênero (P)? Em seguida, as palavras-chave “Minorias Sexuais e de Gênero”, “Pessoas Transgênero”, “Saúde Mental”, “Estigma Social”, foram definidas a partir do vocabulário dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), por ser uma terminologia comum à pesquisa. Essas, foram combinadas entre si, utilizando-se o operador booleano AND nas bases de dados e/ou bibliotecas eletrônicas: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e da Scientific Eletronic Library Online (SciELO). A mesma estratégia de busca foi realizada em todas as bases de dados e/ou bibliotecas eletrônicas. Os critérios de inclusão dos artigos para análise foram: grupo populacional de pessoas transgênero, publicados entre 2011 e 2021, disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês e espanhol, que tratavam sobre a temática de estresse de minoria de gênero sexual. Foram excluídos artigos de opinião, editoriais, outras revisões, artigos duplicados e publicações que não tratassem da temática. O período de coleta ocorreu nos meses de fevereiro a março de 2021. Para a análise dos dados, foi construído um quadro analítico que possibilitou reunir e sintetizar as informações-chave dos estudos. O instrumento de coleta reuniu as seguintes informações: título, autor(es)/ano de publicação/país, objetivo, método, principais resultados. O nível de evidência identificado nos artigos analisados foi classificado de acordo com o sistema Grading of Recommendations Assessment, Development and Evaluation (GRADE) (Zhang, Akl & Schünemann, 2018), um sistema considerado sensível para graduar a qualidade das evidências. Nesse sistema, a qualidade da

evidência é descrita em quatro níveis: alto, moderado, baixo e muito baixo (Quadro 1). A evidência proveniente de ensaios clínicos randomizados começa com nível alto e a evidência proveniente de estudos observacionais, com nível baixo.

Quadro 1 - Níveis de evidência, Rio de Janeiro 2021.

Nível	Definição	Implicações
Alto	Há forte confiança de que o verdadeiro efeito esteja próximo daquele estimado	É improvável que trabalhos adicionais irão modificar a confiança na estimativa do efeito
Moderado	Há confiança moderada no efeito estimado	Trabalhos futuros poderão modificar a confiança na estimativa de efeito, com possibilidade, inclusive, de modificar a estimativa
Baixo	A confiança no efeito é limitada	Trabalhos futuros provavelmente terão um impacto importante em nossa confiança na estimativa de efeito
Muito Baixo	A confiança na estimativa de efeito é muito limitada. Há importante grau de incerteza nos achados	Qualquer estimativa de efeito é incerta

Fonte: Autores (2021).

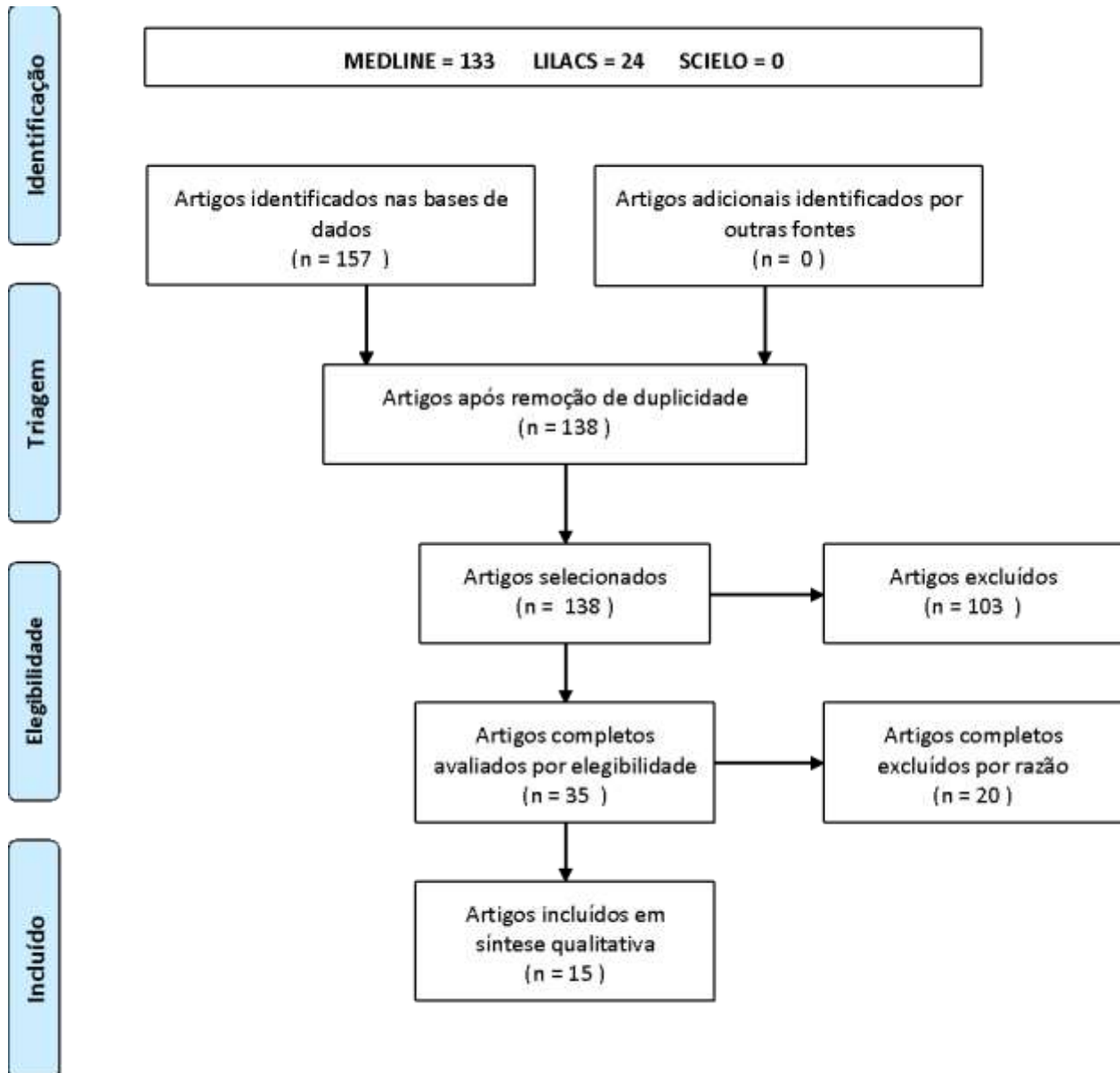
Nesta revisão, a partir da classificação adotada (sistema GRADE) para avaliar a qualidade das evidências, considerou-se o risco de viés dos ensaios clínicos randomizados das tecnologias de produto em relação às limitações metodológicas referentes ao delineamento ou à execução dos estudos individuais. As evidências dos ensaios clínicos randomizados podem ser rebaixadas por ausência de sigilo da alocação, ausência de cegamento, seguimento incompleto, relato seletivo de desfechos e outras limitações, como interrupção precoce do estudo por benefício e informações insuficientes para avaliar se há importante risco de viés. Para cada um desses domínios é avaliado o risco de viés, sendo classificado como alto risco, incerto e baixo risco de viés (Zhang, Akl & Schünemann, 2018).

3. Resultados e Discussão

Identificou-se, um total de 157 estudos nas referidas bases de dados, conforme ilustrado na (Figura 1), a qual seguiu as recomendações PRISMA (Moher et al., 2019) para descrever o processo de busca na literatura. Desses, foram excluídos 19 artigos duplicados, restando 138 artigos únicos. Em seguida, realizou-se a leitura dos títulos e resumos observando-se os critérios de inclusão e exclusão. Como resultado desse processo, 103 artigos foram excluídos e outros 35 artigos se adequaram aos critérios de elegibilidade. Iniciou-se, então, a leitura integral e em profundidade desses estudos por dois revisores, independentemente. Eventuais discordâncias entre os avaliadores, surgidas durante esse estágio, foram trabalhadas e resolvidas mediante consenso, o que resultou em uma amostra final de 15 artigos. Os artigos incluídos nesta síntese (Tabela 1) foram desenvolvidos em seis diferentes países: Brasil (n= 2), Estados Unidos (n= 7), Holanda (n= 1), China (n= 1) e Quênia, África do Sul, Uganda e Zimbábue (n= 1), Costa do Marfim (n= 1) Noruega (n= 1), Itália (n= 1) abrangendo, em sua completude, como sujeitos, todos os indivíduos pertencentes às e identidades de gênero (travestis e transexuais).

Quanto ao método, a maioria dos pesquisadores utilizou a abordagem qualitativa (n= 12) para descrever e analisar, em profundidade, as diferentes dimensões em que ocorre a inserção de pessoas transgênero na sociedade. Outros 3 trabalhos foram estudos de revisão, e em apenas um dos estudos, os autores indicaram fazer uso de métodos quantitativos e qualitativos, complementarmente. Embora esse tipo de desenho metodológico tenha se mostrado o mais apropriado para desvelar as variadas facetas da sexualidade e das relações humanas e sociais, este fato caracteriza a totalidade dos artigos como sendo de baixo de nível de evidência (Zhang, Akl & Schünemann, 2018).

Figura 1. Seleção dos artigos por descritores nas bases de dados, Rio de Janeiro 2021.



Fonte: Autores (2021).

Assim como no século XIX várias questões filosóficas debatidas na Europa provinham de particularidades históricas (Nascimento et al., 2020) próprias às universidades alemãs, atualmente diversas discussões intelectuais que se disseminam ao resto do mundo, enquanto o estudo de Reisner et al. (2016) sugere uma abordagem abrangente de saúde pública para lidar com a saúde de pessoas transgêneros e garantir de acesso à afirmação de gênero, baseada em evidências sistemas de prestação de serviços de saúde e parcerias eficazes com transgêneros locais comunidades, parcerias multissetoriais ligando saúde com advocacia, justiça social e os direitos humanos são essenciais para atender às necessidades de saúde pública das pessoas trans em todo o mundo (Reisner et al., 2016).

A análise de Miller e Grollman (2015) sugerem que inconformidade de gênero é como um marcador visível e conhecido do status estigmatizado de alguém e desempenha um papel importante nas experiências de pessoas trans com discriminação e saúde debilitada. Por outro lado, o estudo de Wood et al (2019) fez descobertas que identificaram alvos para intervenção para melhorar a adesão à PrEP nessas populações, incluindo aumento da ativação da saúde e melhoria da precisão da percepção de

risco de HIV (Wood et al., 2019). Peng et al (2019) aponta em seu estudo que, adolescentes transgêneros e de gênero não binários na China relataram altas taxas de abuso, negligência e bullying em casa e na escola e altas taxas de sintomas associados a problemas de saúde mental. Este estudo destaca a importância de reduzir o abuso, a negligência e a intimidação em casa e na escola de adolescentes transgêneros e não binários na China para melhorar os resultados de saúde mental (Peng et al., 2019); entretanto, uma mudança mais ampla no ambiente social pode ser necessária para lidar com o preconceito e o estigma dirigido às minorias de gênero, contrapondo a pesquisa de Anderssen et al (2020) realizada na Noruega. Em comparação com os alunos cisgênero, os alunos transgêneros relataram com mais frequência cargas psicossociais relacionadas à satisfação com a vida, solidão, problemas e transtornos de saúde mental e medidas relacionadas ao suicídio. Não houve diferenças significativas em nenhuma das medidas entre os alunos transgêneros binários e não binários afirma Anderssen et al (2020).

Na pesquisa de Gamarel et al (2014) procurou-se examinar como as experiências de discriminação relacionada a transgêneros (ou seja, tratamento injusto, assédio) e estigma de relacionamento (ou seja, o medo real ou antecipado de rejeição com base na afiliação romântica de alguém) foram associados com a qualidade do relacionamento de ambos os parceiros e saúde mental (Gamarel et al., 2014). Os resultados ilustram a importância do estresse de minorias e estruturas diádicas de estresse na compreensão e intervenção nas disparidades de saúde mental entre mulheres transgênero e seus parceiros masculinos (Veale et al., 2017). O estudo de Scheim et al. (2019) realizado na Costa do Marfim, sugere que as intervenções de mitigação do estigma que abordam especificamente o estigma que afeta as mulheres transgênero também podem abordar as desigualdades de saúde mental entre mulheres trans (White-Hughto et al., 2017). Para Nascimento et al (2020) é essencial o reconhecimento da sua identidade de gênero na sociedade, a fim de que possam usufruir dos direitos e acesso à educação, saúde, moradia, cidadania, oportunidade de emprego, entre outros, igualmente, sem distinção de qualquer natureza, com respeito e dignidade (Nascimento et al., 2020). Sua afirmação vai de encontro a pesquisa de Scandurra et al., (2018) realizada na Itália, que trata a estrutura de mediação psicológica, aumentando os processos de auto capacitação e estratégias de resiliência eles também devem considerar a abordagem de grupo como uma alternativa válida ao trabalho individual (Scandurra et al., 2018). De fato, por sua natureza, o grupo incentiva processos de espelhamento que facilitam a remodelagem da autoimagem de uma forma inovadora e potencialmente criativa (Tobin et al., 2018).

Scorgie., et al (2013) realizou um estudo no Quênia, África do Sul, Uganda e Zimbábue para descrever auto capacitação as experiências de pessoas trans em de prisões e detenções ilegais, violência, extorsão, difamação e exclusões, os participantes apresentam um quadro de profunda exploração e repetidas violações dos direitos humanos. Para Scorgie., et al (2013) esta situação teve um impacto extremo no bem-estar físico, mental e social desta população. Do outro lado do globo McCann & Brown (2019b) sugerem em sua pesquisa que foi realizada nos Estados Unidos que pessoas transgêneros sem-teto são um grande problema de saúde pública que tem consequências significativas para o bem-estar físico e psicossocial dos jovens. McCann & Brown (2019a) afirmam que devem existir planos de cuidados inclusivos e holísticos que atendam plenamente às necessidades distintas desse grupo, orientados por políticas definitivas e pesquisas clínicas sólidas.

O estudo de revisão de Silva e Costa (2020) expôs inúmeras barreiras na busca das pessoas transexuais nos serviços de saúde. Evidenciando aspectos como o desrespeito ao nome social e a transfobia. Esses são citados como alguns dos obstáculos à busca e obtenção de serviços e causa de abandonos de tratamentos (mesmo em se tratando de doenças graves e crônicas como a AIDS) (Silva & Costa, 2020). Nesse sentido, deve-se ressaltar que entre as pessoas trans, a importância dos cuidados de saúde é fundamental. Imagem e aparência são atributos muito importantes na sociedade contemporânea, afirmam Silva & Costa (2020). As pessoas trans investem na formação do próprio corpo como um componente da vida (White-Hughto et al., 2018). Para as pessoas, qual é a diferença entre os procedimentos de transformação corporal Trans, que pode incluir investimentos como terapia hormonal (Veale et al., 2017), aplicações de silicone, mastectomia, plástico ou reprodução genital (Silva, 2020). Seus resultados vão de encontro ao estudo de Reisner et al., (2016) que sugere a infecção pelo HIV é devastadoramente alta entre as mulheres

trans, tal como acontece com outras populações-chave, o risco de aquisição ou transmissão do HIV em pessoas trans é complexo. Para Reisner et al., (2016) o risco de HIV para pessoas trans tem sido atribuído à intersecção sindêmicas de fatores biopsicossociais (por exemplo, biológicos, psicológicos, sociais e estruturais) ocorrendo em vários níveis de influência, que vão desde o indivíduo, interpessoal, comunidade e rede, e níveis sociais. Reisner et al., (2016) afirma que para atender aos fatores trans específicos biológicos, sociais e comportamentais que impulsionam as vulnerabilidades ao HIV será crucial para as intervenções de prevenção do HIV que buscam reduzir a incidência do HIV em pessoas trans. O estudo de Fredriksen-Goldsen et al. (2014) aborda a saúde física e mental de idosos transexuais e buscou identificar fatores de risco modificáveis que medeiam sua saúde (Fredriksen-Goldsen et al., 2014). A fim de desenvolver intervenções eficazes para essa população, será importante abordar tanto os riscos de saúde comuns (White-Hughto, Reisner & Pachankis, 2015) enfrentados por adultos mais velhos em geral (como a falta de atividade física e apoio social) e os fatores de risco únicos que influenciam a saúde de idosos transexuais (incluindo medo de acessar os serviços de saúde, estigma internalizado e vitimização) (Fredriksen-Goldsen et al., 2014).

À medida que as intervenções e os serviços são desenvolvidos, é também necessária a identificação de recursos destinados a reforçar o apoio social (McCave et al., 2019) e um sentimento de comunidade de pertença. Abordar a heterogeneidade dentro de diversas comunidades é necessário para reduzir as disparidades de saúde entre os idosos. Esse trabalho vem de encontro a pesquisa de Verbeek et al., (2020) que mediu melhora no bem-estar psicológico desde a transição. No entanto, eles ainda experimentaram diferentes formas de estigmatização. As mulheres trans pareciam experimentar um estigma social mais forte do que os homens trans (Yang et al., 2015). As mulheres trans também experimentaram um status social inferior após a transição. Eles experimentaram principalmente respostas negativas de homens cisgênero (Wilson et al., 2016). Os participantes enfatizaram a importância do apoio social e de seus pares. Os resultados do estudo atual demonstram a presença de estigmatização após a transição e defendem cuidados psicológicos posteriores. O apoio social e de pares parece ser importante para lidar com a estigmatização, e melhorar a rede social de indivíduos transgêneros é benéfico. Verbeek et al., (2020) recomenda para promover o desenvolvimento de habilidades construtivas de enfrentamento para indivíduos transgêneros com intervenções voltadas especialmente para mulheres trans.

Tabela 1. Categorização da produção científica incluída na revisão.

Títulos	Autor(es), País/ Ano	Objetivo	Método	Resultados	Nível de Evidência
Global Health Burden and Needs of Transgender Populations: A Review	Reisner et al. 2016 Estados Unidos	Obter tendências epidemiológicas entre Pessoas transgêneros.	Estudo de Revisão	Um total de 116 estudos em 30 países foram identificados A grande maioria das pesquisas está nos Estados Unidos. Vários países têm um único estudo (por exemplo, México) ou entre dois e cinco estudos (por exemplo, Canadá, Austrália, Irã)	Baixo
The Social Costs of Gender Nonconformity for Transgender Adults: Implications for Discrimination and Health	Miller & Grollman, 2015 Estados Unidos	Neste artigo, usamos dados do marco nacional Transgênero de 2008 Pesquisa de Discriminação (NTDS) para examinar se gênero não conforme as pessoas trans enfrentam mais discriminação e pior saúde do que suas contrapartes em conformidade com o gênero. Em particular, examinamos três questões de pesquisa.	Estudo qualitativo, transversal usado dados do histórico National transgender de 2008 Pesquisa de Discriminação (aNTDS)	Os resultados sugerem que pessoas trans não-conformes de gênero enfrentam mais discriminação e, por sua vez, são mais propensas a se envolver em comportamentos prejudiciais à saúde do que pessoas trans que estão em conformidade com o gênero. Nossas descobertas destacam o papel importante da não conformidade de gênero nas experiências sociais e bem-estar de pessoas trans.	Baixo

Barriers and Facilitators of PrEP Adherence for Young Men and Transgender Women of Color.	Wood et al., 2019 Estados Unidos	Nosso objetivo foi descobrir barreiras e facilitadores da adesão à profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP) em homens jovens e mulheres transexuais de cor que fazem sexo com homens.	Qualitativo, transversal	As barreiras de adesão incluíram estigma, inacessibilidade dos sistemas de saúde, efeitos colaterais, estressores concorrentes e baixa percepção de risco de HIV.	Moderado
Self-reported Rates of Abuse, Neglect, and Bullying Experienced by Transgender and Gender-Nonbinary Adolescents in China	Peng et al., 2019 China	Avaliar as taxas de abuso, negligência e bullying e sua associação com problemas de saúde mental entre adolescentes transgêneros chineses e adolescentes não binários.	Qualitativo Transversal	Entre 319 entrevistados que relataram que seus pais sabiam de sua identidade de gênero, 296 (92,8%) relataram ter sofrido abuso ou negligência parental.	Moderado
Life satisfaction and mental health among transgender students in Norway	Anderssen et al., 2020 Noruega	O objetivo deste estudo foi comparar a vida satisfação, solidão, saúde mental e comportamento suicida entre alunos transgêneros com alunos cisgênero experiências em uma amostra nacional de estudantes noruegueses buscando ensino superior.	Quantitativo, longitudinal, coorte (Escala de satisfação com a vida), (Escala de solidão de três itens).	Estudantes transgêneros relataram significativamente mais cargas psicossociais em todas as medidas. Não havia diferenças significativas em qualquer uma das medidas entre os alunos transgêneros binários e não binários.	Alto
Sexual behavior stigma and depression among transgender women and cisgender men who have sex with men in Côte d'Ivoire	Scheim et al., 2019 Costa do Marfim /	Entre TGW e cisMSM na Costa do Marfim, procuramos determinar se a identidade feminina transgênero estava associada com depressão provável, e se o estigma do comportamento sexual mediava essa associação.	Qualitativo Transversal	Esses dados sugerem que as intervenções de mitigação do estigma tratando especificamente do estigma que afeta as mulheres transgênero também podem abordar as desigualdades de saúde mental entre mulheres transgênero e cisMSM na Costa do Marfim.	Moderado
Crianças e adolescentes transgêneros brasileiros: atributos associados à qualidade de vida	Nascimento et al., 2020 Brasil	Descrever atributos associados à Qualidade de Vida de crianças e adolescentes transgêneros brasileiros segundo sua própria percepção	Qualitativo descritivo	Foi possível identificar o núcleo familiar como o principal meio de suporte social das crianças e adolescentes transgêneros. Entretanto, a vivência de preconceito e discriminação foram atributos negativos associados à Qualidade de Vida	Baixo
Internalized Transphobia, Resilience, and Mental Health: Applying the Psychological Mediation Framework to Italian Transgender Individuals	Scandurra et al., 2018 Itália	O presente estudo teve como objetivo avaliar em 149 indivíduos italianos do TGNC o papel da transfobia internalizada como mediadora entre a discriminação anti transgênero e a saúde mental, considerando a resiliência como o mecanismo de enfrentamento em nível individual que amortece essa relação.	Qualitativo transversal	Os resultados sugerem que ambos os indicadores de transfobia internalizada (ou seja, vergonha e alienação) medeiam a relação entre discriminação anti-transgênero e depressão, enquanto apenas a alienação medeia a relação entre discriminação anti-transgênero e ansiedade.	Moderado
Human rights abuses and collective resilience among sex workers in four African countries: a qualitative study	Scorgie et al., 2013 Quênia, África do Sul, Uganda e Zimbábue	Evidenciar o impacto da violência e abusos dos direitos humanos relacionados na vida das profissionais do sexo e como elas responderam a essas condições, como indivíduos e em pequenos coletivos. Estas análises baseiam-se em dados de 55 entrevistas aprofundadas e 12 discussões em grupos focais com mulheres, homens e transexuais profissionais do sexo no Quênia, África do Sul, Uganda e Zimbábue.	Qualitativo transversal	Esta situação teve um impacto extremo no bem-estar físico, mental e social desta população. No geral, o artigo detalha os múltiplos efeitos da criminalização do trabalho sexual na vida cotidiana das profissionais do sexo e em suas interações e relacionamentos sociais.	Muito Baixo

Homelessness among youth who identify as lgbtq+: a systematic review	McCann & Brown, 2019 Estados Unidos	Explorar a situação de sem-teto entre jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer / questioning plus (LGBTQ +) e identificar seus requisitos de apoio e cuidados.	Estudo de Revisão	A busca resultou em 319 artigos e, após aplicação de critérios de inclusão distintos, um total de 14 artigos foram considerados adequados para a revisão sistemática. Após a análise, os quatro temas principais identificados foram estigma, discriminação, exclusão, problemas de saúde mental e uso de substâncias; riscos sexuais e vulnerabilidade; e intervenções.	Baixo
Assistência à saúde de minorias sexuais e de gênero: revisão integrativa da literatura	Silva & Costa, 2020 Brasil	Descrever as práticas assistenciais de atenção à saúde direcionadas a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.	Estudo de Revisão	A maioria dos artigos versava sobre a trajetória dos indivíduos no interior dos serviços de saúde, evidenciando limitações e obstáculos na utilização destes há evidências de que fatores relacionados à organização dos serviços, postura de profissionais, estigma e discriminação vivenciados comprometem as práticas de assistência à saúde, sendo imprescindível a realização de atividades educativas nos serviços de saúde e instituições de ensino.	Baixo
Integrated and gender-affirming transgender clinical care and research	Reisner S. et al., 2016 Estados Unidos	Objetivo de pesquisa comunitária para abordar e intervir nas disparidades na infecção por HIV para pessoas trans.	Qualitativo descritivo	A incapacidade de afirmar legalmente o gênero por meio de documentos legais (por exemplo, identificação emitida pelo governo) que correspondam à identidade de gênero de uma pessoa pode ser uma barreira para acessar e receber serviços de saúde, especialmente em sistemas de saúde socializados apoiados e patrocinados pelo governo	Moderado
Physical and mental health of transgender older adults: an at-risk and underserved population	Fredriksen-Goldsen KL. et al., 2014 Estados Unidos	Examinar a saúde física e mental de idosos transgêneros e a identificar fatores modificáveis que são responsáveis pelos riscos à saúde nessa população	Qualitativa transversal	Os adultos transgêneros mais velhos corriam um risco significativamente maior de problemas de saúde física, deficiência, sintomatologia depressiva e percepção de estresse em comparação com participantes não-transgêneros.	Alto
Experiences with stigmatization among transgender individuals after transition: A qualitative study in the Netherlands	Verbeek et al., 2020 Holanda	O objetivo deste estudo foi examinar as experiências com a estigmatização entre indivíduos transgêneros holandeses após sua transição	Qualitativo transversal	Os participantes relataram melhora no bem-estar psicológico desde a transição. No entanto, eles ainda experimentaram diferentes formas de estigmatização. As mulheres trans pareciam experimentar um estigma social mais forte do que os homens trans. As mulheres trans também experimentaram um status social inferior após a transição.	Moderado
Gender Minority Stress, Mental Health, And Relationship Quality: A Dyadic Investigation Of Transgender Women And Their Cisgender Male Partners.	Gamarel et al., 2019 Estados Unidos	O presente estudo procurou examinar como as experiências de discriminação relacionada a transgêneros e o estigma de relacionamento o medo real ou antecipado de rejeição com base na afiliação romântica de alguém.	Qualitativo Transversal	Intervenções baseadas em casais e abordagens de tratamento para ajudar mulheres transexuais e seus parceiros do sexo masculino a lidar com os estressores das minorias são garantidas para melhorar a saúde e o bem-estar de ambos os parceiros	Baixo

Fonte: Autores (2021).

4. Conclusão

Pessoas transgênero correm maior risco de doenças mentais, incluindo transtornos de ansiedade. Devido à forte discriminação e a falta de apoio social e familiar, os sintomas de ansiedade estão relacionados com o estigma e a violência, exclusão relacionadas à sua identidade e / ou expressão de gênero e o isolamento da população, o que causa um elevado nível de

angústia. O apoio social e familiar e a redução da discriminação podem proteger essas pessoas da ansiedade. Isso mostra a necessidade de mudar o comportamento social e cultural. Além disso, é necessária a adoção de práticas integrais e complementares como forma de atenção à saúde mental para reduzir os sintomas de ansiedade e melhorar a qualidade de vida dessa população. A pesquisa sugere que as pessoas trans enfrentam altos níveis de discriminação na sociedade, o que pode contribuir para o risco desproporcional de problemas de saúde. No entanto, pouco se sabe se a inconformidade de gênero, como um marcador visível do status estigmatizado de uma pessoa transgênero, potencializa as experiências das pessoas trans com a discriminação e, por sua vez, sua saúde. A pesquisa mostra que as pessoas transexuais acreditam que o apoio social vem de relações interpessoais importantes e podem reduzir o nível de problemas de saúde mental bem como um fator para prevenir o risco de suicídio, incluindo o apoio de familiares e amigos. Uma limitação dessa pesquisa foi a baixa quantidade de artigos publicados no Brasil, nesse sentido, é necessário realizar pesquisas campo sobre minorias sexuais e de gênero, com foco em estratégias de saúde coletiva para prevenir doenças mentais ou reduzir sinais e sintomas de ansiedade e outras doenças, bem como para a melhor compreensão dos aspectos multifatoriais do impacto do estigma nas minorias de gênero.

Referências

- Adelson, S. L., Walker-Cornetta, E., & Kalish, N. (2019). LGBT Youth, Mental Health, and Spiritual Care: Psychiatric Collaboration with Health Care Chaplains. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*, 58(7), 651–655.
- Anderssen, N., Sivertsen, B., Lønning, K. J., & Malterud, K. (2020). Life satisfaction and mental health among transgender students in Norway. *BMC Public Health*, 20(1), 138. <https://doi.org/10.1186/s12889-020-8228-5>
- Barbosa, I. de S. F., Mendonça, C. de F. de S., Silva, R. R. da, Silva, L. A., Silva, M. V. G. da, Neves, M. P. das, Souza, M. V. L. de, Alencar, Ícaro F. de, Fontes, T. V., Ignácio, L. P., Oliveira, J. V. E., Souza, M. das G. G. de, Paulino, E. de F. R., Araujo, M. S., & Souza, D. A. C. (2020). Care for people with a problem related to alcohol abuse: an integrative literature review study. *Research, Society and Development*, 9(11), e52091110062. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i11.10062>
- Bockting, W. O., Miner, M. H., Swinburne Romine, R. E., Hamilton, A., & Coleman, E. (2013). Stigma, mental health, and resilience in an online sample of the US transgender population. *American Journal of Public Health*, 103(5), 943–951. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2013.301241>
- Chakrapani, V., Vijin, P. P., Logie, C. H., Newman, P. A., Shunmugam, M., Sivasubramanian, M., & Samuel, M. (2017). Understanding How Sexual and Gender Minority Stigmas Influence Depression Among Trans Women and Men Who Have Sex with Men in India. *LGBT Health*, 4(3), 217–226.
- Downing, J. M., & Przedworski, J. M. (2018). Health of Transgender Adults in the U.S., 2014–2016. *Am J Prev Med*, 55(3), 336–344.
- Fabbre, V. D., & Gaveras, E. (2020). The manifestation of multilevel stigma in the lived experiences of transgender and gender nonconforming older adults. *Am J Orthopsychiatry*, 90(3), 350–360. MEDLINE.
- Fredriksen-Goldsen, K. I., Cook-Daniels, L., Kim, H.-J., Erosheva, E. A., Emlert, C. A., Hoy-Ellis, C. P., Goldsen, J., & Muraco, A. (2014). Physical and mental health of transgender older adults: An at-risk and underserved population. *The Gerontologist*, 54(3), 488–500. <https://doi.org/10.1093/geront/gnt021>
- Gamarel, K. E., Reisner, S. L., Laurenceau, J.-P., Nemoto, T., & Operario, D. (2014). Gender minority stress, mental health, and relationship quality: A dyadic investigation of transgender women and their cisgender male partners. *Journal of Family Psychology: JFP: Journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 28(4), 437–447. <https://doi.org/10.1037/a0037171>
- Glick, J. L., Lopez, A., Pollock, M., & Theall, K. P. (2019). “Housing Insecurity Seems to Almost Go Hand in Hand with Being Trans”: Housing Stress among Transgender and Gender Non-conforming Individuals in New Orleans. *Journal of Urban Health : Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 96(5), 751–759. <https://doi.org/10.1007/s11524-019-00384-y>
- Goldhammer, H., Krinsky, L., & Keuroghlian, A. S. (2019). Meeting the Behavioral Health Needs of LGBT Older Adults. *J Am Geriatr Soc*, 67(8), 1565–1570. MEDLINE.
- Hoy-Ellis, C. P., & Fredriksen-Goldsen, K. I. (2017). Depression Among Transgender Older Adults: General and Minority Stress. *American Journal of Community Psychology*, 59(3–4), 295–305. <https://doi.org/10.1002/ajcp.12138>
- Hoy-Ellis, C. P., Shiu, C., Sullivan, K. M., Kim, H.-J., Sturges, A. M., & Fredriksen-Goldsen, K. I. (2017). Prior Military Service, Identity Stigma, and Mental Health Among Transgender Older Adults. *The Gerontologist*, 57, S63–S71. <https://doi.org/10.1093/geront/gnw173>
- Jones, C., Hayter, M., & Jomeen, J. (2017). Understanding asexual identity as a means to facilitate culturally competent care: A systematic literature review. *J Clin Nurs*, 26(23–24), 3811–3831. MEDLINE.
- Lyons, C., Stahlman, S., Holland, C., Ketende, S., Van Lith, L., Kochelani, D., Mavimbela, M., Sithole, B., Maloney, L., Maziya, S., & Baral, S. (2019). Stigma and outness about sexual behaviors among cisgender men who have sex with men and transgender women in Eswatini: A latent class analysis. *BMC Infectious Diseases*, 19(1), 211. <https://doi.org/10.1186/s12879-019-3711-2>
- Mark, K. M., McNamara, K. A., Gribble, R., Rhead, R., Sharp, M.-L., Stevelink, S. A. M., Schwartz, A., Castro, C., & Fear, N. T. (2019). The health and well-

- being of LGBTQ serving and ex-serving personnel: A narrative review. *Int Rev Psychiatry*, 31(1), 75–94.
- McCann, E., & Brown, M. (2019a). Homelessness among youth who identify as LGBTQ+: A systematic review. *J Clin Nurs*, 28(11–12), 2061–2072.
- McCann, E., & Brown, M. J. (2019b). The mental health needs and concerns of older people who identify as LGBTQ+: A narrative review of the international evidence. *J Adv Nurs*, 75(12), 3390–3403.
- McCann, E., Lee, R., & Brown, M. (2016). The experiences and support needs of people with intellectual disabilities who identify as LGBT: A review of the literature. *Res Dev Disabil*, 57, 39–53.
- McCave, E. L., Aptaker, D., Hartmann, K. D., & Zucconi, R. (2019). Promoting Affirmative Transgender Health Care Practice Within Hospitals: An IPE Standardized Patient Simulation for Graduate Health Care Learners. *MedEdPORTAL*, 15, 10861–10861.
- Miller, L. R., & Grollman, E. A. (2015). The Social Costs of Gender Nonconformity for Transgender Adults: Implications for Discrimination and Health. *Sociological forum (Randolph, N.J.)*, 30(3), 809–831. <https://doi.org/10.1111/sof.12193>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2019). PRISMA Group. Preferred reporting items for systematic review sand meta-analyses: the PRISMA statement. *Ann Intern Med* 151: 264-9. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19622511>.
- Nascimento, F. K., Reis, R. A., Saadeh, A., Demétrio, F., Rodrigues, I. L. A., Galera, S. A. F., & Santos, C. B. (2020). Brazilian transgender children and adolescents: Attributes associated with quality of life. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. Access feb 2021; DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.3504.3351>.
- Nascimento, M. I. C. (2014) *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 / American Psychiatric Association. (5a ed.)*, Ed. Artmed.
- Neves, M. P., Silva, R. R., Silva, L. A. da., Silva, M. V. G. da., Silva, M. M. dos S. da., Francisco, M. T. R., & Marta, C. B. (2020). Adição à drogas, o consumo de substâncias psicoativas por jovens, utilizando o instrumento assist. *Saúde Coletiva (Barueri)*, 9(51), 1913-1919. <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2019v9i51p1913-1919>
- Peng, K., Zhu, X., & Gillespie, A. (2019). Self-reported Rates of Abuse, Neglect, and Bullying Experienced by Transgender and GenderNonbinary Adolescents in China. *JAMA Netw Open*. doi:10.1001/jamanetworkopen.2019.11058
- Reisner, S. L., Poteat, T., Keatley, J., Cabral, M., Mothopeng, T., Dunham, E., Holland, C. E., Max, R., & Baral, S. D. (2016). Global health burden and needs of transgender populations: A review. *Lancet (London, England)*, 388(10042), 412–436. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(16\)00684-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(16)00684-X)
- Reisner, S. L., Radix, A., & Deutsch, M. B. (2016). Integrated and Gender-Affirming Transgender Clinical Care and Research. *Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes (1999)*, S235-242. <https://doi.org/10.1097/QAI.0000000000001088>
- Scandurra, C., Bochicchio, V., Amodeo, A. L., Esposito, C., Valerio, P., Maldonato, N. M., Bacchini, D., & Vitelli, R. (2018). Internalized Transphobia, Resilience, and Mental Health: Applying the Psychological Mediation Framework to Italian Transgender Individuals. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(3). <https://doi.org/10.3390/ijerph15030508>
- Schein, A., Lyons, C., Ezouatchi, R., Liestman, B., Drame, F., Diouf, D., Ba, I., Bamba, A., Kouame, A., & Baral, S. (2019). Sexual behavior stigma and depression among transgender women and cisgender men who have sex with men in Côte d'Ivoire. *Annals of Epidemiology*, 33, 79-83.e1. <https://doi.org/10.1016/j.annepidem.2019.03.002>
- Scorgie, F., Vasey, K., Harper, E., Vasey, K., Harper, E., Marlise R., Prince N., Maseko, S., & Chersich, M. F. (2013). Human rights abuses and collective resilience among sex workers in four African countries: a qualitative study. *Global Health*. (9) 33. Recuperado de: <https://doi.org/10.1186/1744-8603-9-33>
- Silva, J. F., & Costa, G. M. C. (2020). Health care of sexual and gender minorities: an integrative literature review. *Rev Bras Enferm*. 73. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0192>
- Silva, R. R., Silva, L. A., Silva, M. V. G., Neves, M. P., Silva, M. M. S., & Francisco, M. T. R. (2019). Os Impactos do Chemsex na saúde pública mundial: um estudo sobre uma perigosa prática sexual entre homens. *Rev Saúde Coletiva Barueri*. (2) 51 1920-5. <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2019v9i51p1920-1925>.
- Silva, R.R., Neves, M. P., Silva, L. A., Silva, M. V. G., Hipolito, R. L., & Marta, C. B. (2020). Consumo de drogas psicoativas em contexto sexual entre homens gays como fator de risco para transmissão de HIV/Aids. *Glob Acad Nurs*. 1(3):e57. <https://dx.doi.org/10.5935/2675-5602.20200057>
- Souza, M. V. L. de, Silva, R. R. da, Oliveira, M. C. P. de, Silva, L. A. da, Silva, M. V. G. da, Vargas, D. de, Hipólito, R. L., Souza, M. das G. G. de, Silveira, M. L. F. G. da, Mesquita, L. M. F. de, Araújo, M. S., Ignácio, L. P., Fontes, T. V., Alencar, Ícaro F. de, Souza, D. A. C., Oliveira, J. V. E., Neves, M. P. das., Pereira, A. V., Soares Filho, M. O., & Dutra, V. de C. de A. (2021). Access to PrEP by cisgender mens and transsexual person: A qualitative study. *Research, Society and Development*, 10(1), e44310111843. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11843>
- Thomas, R., Pega, F., Khosla, R., Verster, A., Hana, T., & Say, L. (2018). Ensuring an inclusive global health agenda for transgender people. *Bulletin of the World Health Organization*, 95(2), 154–156. <https://doi.org/10.2471/BLT.16.183913>
- Valentine, S. E., & Shipherd, J. C. (2018). A systematic review of social stress and mental health among transgender and gender non-conforming people in the United States. *Clin Psychol Rev*, 66, 24–38.
- Veale, J. F., Watson, R. J., Peter, T., & Saewyc, E. M. (2017). Mental Health Disparities Among Canadian Transgender Youth. *The Journal of Adolescent Health : Official Publication of the Society for Adolescent Medicine*, 60(1), 44–49. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.09.014>
- Veltman, A., & Chaimowitz, G. (2014). Mental health care for people who identify as lesbian, gay, bisexual, transgender, and (or) queer. *Canadian journal of psychiatry. Revue canadienne de psychiatrie*, 59(11), 1–7, 1–8.
- Verbeek, M., Hommes, M. A., Stutterheim, S. E., van Lankveld, J., & Bos, A. (2020). Experiences with stigmatization among transgender individuals after transition: A qualitative study in the Netherlands. *International journal of transgender health*, 21(2), 220–233. <https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1750529>

- White Hughto, J. M., Clark, K. A., Altice, F. L., Reisner, S. L., Kershaw, T. S., & Pachankis, J. E. (2018). Creating, reinforcing, and resisting the gender binary: A qualitative study of transgender women's healthcare experiences in sex-segregated jails and prisons. *International Journal of Prisoner Health*, 14(2), 69–88. <https://doi.org/10.1108/IJPH-02-2017-0011>
- White Hughto, J. M., Pachankis, J. E., Willie, T. C., & Reisner, S. L. (2017). Victimization and depressive symptomology in transgender adults: The mediating role of avoidant coping. *Journal of Counseling Psychology*, 64(1), 41–51. <https://doi.org/10.1037/cou0000184>
- White Hughto, J. M., Reisner, S. L., & Pachankis, J. E. (2015). Transgender stigma and health: A critical review of stigma determinants, mechanisms, and interventions. *Social Science & Medicine (1982)*, 147, 222–231. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.11.010>
- Wilson, E. C., Chen, Y.-H., Arayasirikul, S., Raymond, H. F., & McFarland, W. (2016). The Impact of Discrimination on the Mental Health of Trans*Female Youth and the Protective Effect of Parental Support. *AIDS and Behavior*, 20(10), 2203–2211. <https://doi.org/10.1007/s10461-016-1409-7>
- Wood, S., Gross, R., Shea, J. A., Bauermeister, J. A., Franklin, J., Petch, D., Swyrn, M., Lalley-Chareczko, L., Koenig, H. C., & Dowshen, N. (2019). Barriers and Facilitators of PrEP Adherence for Young Men and Transgender Women of Color. *AIDS and behavior*, 23(10), 2719–2729. <https://doi.org/10.1007/s10461-019-02502-y>
- Yang, M.-F., Manning, D., van den Berg, J. J., & Operario, D. (2015). Stigmatization and Mental Health in a Diverse Sample of Transgender Women. *LGBT Health*, 2(4), 306–312. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2014.0106>
- Zhang, Y., Akl, E. A. & Schünemann, H. J. (2018). Using systematic reviews in guideline development: the GRADE approach. *Res Synth Methods*. <https://doi.org/10.1002/jrsm.1313>